

Errâncias poéticas de uma latino-americana no velho continente

Outras palavras/Otras palabras.

PEREIRA, Diana Araujo.

Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. 100 p.
(Edição bilíngue português/espanhol).

Aprendi a escrever quando parei de rezar.
Diana Araujo Pereira, 2008, p. 41

É com o nome de deusa caçadora da antiguidade latina, nome de deusa lunar, noturna e notívaga, que a fluminense Diana Araujo Pereira assina o seu primeiro livro de poemas, *Outras palavras/Otras palabras*, com sua primeira edição, bilíngue, publicada em 2008 pela Editora 7Letras, do Rio de Janeiro. Licenciada em Letras (português/espanhol), com mestrado, doutorado e pós-doutorado realizados em torno das literaturas hispânicas, com ênfase na poesia hispano-americana, atualmente Diana Araujo Pereira atua como professora e tradutora, lecionando literatura latino-americana na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), em Foz do Iguaçu, no Estado do Paraná.

Outras palavras/Otras palabras, um pequeno compêndio de fragmentos de prosa poética, é fruto de uma temporada da autora, entre 2005 e 2006, na cidade de Sevilha, na Espanha. Escrito originalmente em espanhol, foi posteriormente traduzido, pela própria autora, para o português. Esta gênese intercultural, marcada pelo exercício da escritura em uma língua outra, estranha e estrangeira, cruza os *impromptus* líricos da escritora, marcando sua escrita, da primeira à última linha, com as preocupações envolvendo a dialética identidade/alteridade. Nesta dialética, uma das primeiras questões que salta à vista é o

estranhamento que o eu-lírico enfrenta em seu confronto diário com a língua espanhola, buscando sua própria identidade em uma terra estranha e expressando-se na língua do outro: “[e]screvo da beira de um nome que não é o meu. Com a pretensão e a soberba de quem já leva consigo um nome próprio e seu e se sente à vontade, e se vê em cada letra ou som” (p. 13).

O trabalho de escritura é encarado pela poeta como um salto no escuro, enfrentamento do abismo semântico que por vezes assalta o indivíduo que habita a contemporaneidade: “[e]screvo minhas linhas saltadas sobre o vazio” (p. 13). É no fazer literário que o eu-lírico projeta o espaço de constituição de sua subjetividade. O fazer poético, mais do que um espaço de artesanato e artifício estético, é o palco no qual são encenados os pequenos dramas do cotidiano: “[e]screvo meus contos de amor, meus sonetos de inverso, minhas tertúlias mais trágicas. E de um ou outro nome me defendo melhor ou pior, mas escrevo” (p. 13). O exercício de especulação racional, por outro lado, é visto como uma aporia, um *tropo* indecível que coloca o sujeito entre o prazer da especulação intelectual e o risco do ostracismo advindo dessa mesma especulação: “[m]e divirto ao filosofar, mesmo que sirva apenas para me aproximar ainda mais do meu beco sem saída” (p. 14).

A poética de Diana Araujo Pereira está marcada por esta busca de sentido, ou melhor, pela busca do sentido de si. Este sentido não é fruto de momentos epifânicos ou da inspiração sagrada das musas; pelo contrário, o fazer poético é encarado aqui como labor, como trabalho, como resultado do esforço humano, e tal posicionamento pode ser vislumbrado pelas metáforas utilizadas pela autora. Talvez a mais significativa dessas metáforas que fazem emergir o valor da palavra poética como fruto do trabalho de um sujeito historicamente situado esteja na analogia que se faz entre as palavras e a fornada de pães:

“[a] fornada de novas palavras cheira na rua distante” (p. 28). A busca interminável pelo sentido não é tanto um esforço hermenêutico de compreensão do mundo, mas sim um esforço intelectual pela constituição de si, e esta busca também aproxima o fazer poético da imagem do trabalho artesanal: “[e]screvo de dentro da fome, da dor e da morte. Escrevo de dentro da perda de sentido” (p. 15). Tentativa de apreender, em um átimo do tempo da enunciação poética, uma provisória imagem estática dessa identidade permanentemente em processo de transformação. Daí o processo metonímico que associa o nome próprio à identidade: “[e]m que abismos nos lançamos à verifigem de nosso nome? E acaba que tudo é em vão. Porque a palavra sagrada, a que te situa, sempre desaparece como uma miragem sonora, como o sabor de paraíso que se assoma nos lábios, mesmo que você nunca o tenha provado” (p. 16).

O embate com o estranho e com o diferente, com o outro e com o estrangeiro, sempre foi marcado pelo conflito e pela complexidade. Todavia, neste início de século XXI, em um contexto planetário no qual não são raros os conflitos beligerantes de alcance internacional em função da xenofobia, dos fundamentalismos e da intolerância, torna-se salutar a colocação em discurso do tema da alteridade: “[a] terra me devolve suas recordações, naufragas, nós duas, entre tantos mares” (p. 22). A mudança radical na percepção do tempo e da velocidade nos meios de comunicação também impactam profundamente a maneira do sujeito contemporâneo de lidar com as trocas e os fluxos de informação: “[a]s palavras te olham através das redes que conformam os mapas. Te exalam entre luz e silêncio, entre o todo e as partes” (p. 29). A mundialização da cultura e as novas ferramentas de comunicação ampliaram infinitamente nossos horizontes e, curiosamente, trouxeram o outro para mais perto de nós.

Diana Araujo Pereira não está alheia a estas questões na sua produção poética: “[t]ocar o outro, cheirá-lo, esvaziar-se e voltar a encher-se na amizade ou no ódio. Signos contrários da mesma e intrínseca necessidade angustiante. Odiar o outro é odiar a si mesmo pela incapacidade de ser inteiro” (p. 17). As indagações líricas da autora nos jogam ainda para outra dimensão da alteridade, que remonta a *Estrangeiros para nós mesmos*, de Julia Kristeva: o outro que em nós habita, e a inevitável errância do eu-lírico em busca de sentido para o absurdo do real: “[s]ou a deusa sonhada pela minha própria alegria, e a estranha cerva que percorre as matas” (p. 29).

A palavra poética trabalhada pela autora recupera o leitor da apatia e do atordoamento

gerados pela repetição mecânica do cotidiano: “[n]ormalmente somos sonolentos, até que somos acordados pelas taquicardias de algumas palavras” (p. 33). É a consciência de se utilizar da palavra do outro e da língua espanhola, em terras europeias, para encontrar, construir e desvelar seu próprio universo semântico que coloca a poesia da autora em diálogo profícuo com o pensamento estético e político latino-americano. Ao ler que “[m]inhas vidas vividas em sílabas alheias, em balbucios que se somam ao longo do ciclo” (p. 35), torna-se impossível não estabelecer uma conexão intertextual que carrega o leitor, partindo do lirismo de *Outras palavras* e chegando até o pensamento de Hugo Achugar, na ocasião em que o poeta uruguaio problematiza a possibilidade de uma epistemologia latino-americana, ao perguntar se, na América Latina, a permanência residual do colonialismo não estaria condenando os pensadores a um mero *balbucio teórico*:¹

Finalmente, diante desta proposta poética, que é simultaneamente estética e política, não causa estranhamento que a edição final de *Outras palavras/Otras palabras* saia em formato bilingue. Tal como afirma Sara Viola Rodrigues, “a tradução, essa ‘ponte necessária’, na definição de José Paulo Paes (1990), continua sendo, nesse início de século, um desafio o enorme. Agora ainda mais, com a conscientização crescente – embasada nos estudos teóricos – sobre a responsabilidade de promover a leitura do Outro a partir de uma matriz dialógica que lhe preserve a identidade”.²

Notas

¹ ACHUGAR, 2006. “[s]angra a escuridão para tirar proveito da manhã. Desfiar os discursos atados, para que as palavras respirem a alteridade” (p. 35).

² RODRIGUES, 2010, p. 195.

Referências

- ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, literatura e cultura*. Trad. Lislely Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- RODRIGUES, Sara Viola. “Questões teórico-críticas e metodológicas dos estudos de tradução na contemporaneidade”. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). *Sob o signo do presente: intervenções comparatistas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 191-202.

Anselmo Peres Alós ■
Universidade Federal de Santa Maria